

COMO SER UM TRADUTOR (RECONHECIDO): REPENSANDO O HABITUS, AS NORMAS E O CAMPO DA TRADUÇÃO

Rakefet Sela-Sheffy¹

¹Tel Aviv University

Tradução de Talita Serpa²

²Universidade Estadual Paulista

Resumo¹: Focando nos tradutores como um grupo cultural-profissional, este artigo mobiliza os conceitos bourdieusianos de campo e habitus para explicar a tensão entre a natureza restrita e a natureza versátil da ação dos tradutores, conforme determinado pela identificação do grupo cultural e pela posição em seu campo específico de ação. Com base no parâmetro básico das disputas de *status* e da luta por capital simbólico, elaboramos três aspectos importantes da diferenciação de autoimagens e estratégias de ação dos tradutores, usando exemplos do campo da tradução hebraica em Israel: (1) a variabilidade das estratégias que os tradutores

¹ Artigo publicado originalmente na revista *Target: International Journal of Translation Studies* em 2005. A presente tradução foi autorizada pela Editora John Benjamins Publishing Company (<https://benjamins.com/>) e pela autora, Rakefet Sela-Sheffy, às quais agradecemos imensamente. Referência completa do artigo original: SELA-SHEFFY, Rakefet. How to be a (recognized) translator: Rethinking habitus, norms, and the field of translation. *Target. International Journal of Translation Studies*, v. 17, n. 1, p. 1-26, 2005.



empregam enquanto desempenham papéis conservadores ou inovadores, como guardiões ou importadores culturais, em contextos históricos específicos; (2) a construção dinâmica e a estratificação do campo da tradução, que resulta do esforço de estabelecer sua fonte autônoma de prestígio, oscilando entre *status* profissional impessoal e “estrelato” pessoal artístico; e (3) modelos preferidos de autoformação, de acordo com os quais selecionam e significam os fatos de suas condições de vida e os usam para melhorar *status* e termos de trabalho.

Palavras-Chave: Tradutores; Habitus; Grupos Cultural-Profissionais; Tradução como Ocupação; Tradutores Israelenses

HOW TO BE A (RECOGNIZED) TRANSLATOR: RETHINKING HABITUS, NORMS, AND THE FIELD OF TRANSLATION

Abstract: Focusing on translators as a cultural-professional group, this article mobilizes the Bourdieusian concepts of field and habitus for explaining the tension between the constrained and the versatile nature of translators’ action, as determined by their cultural group-identification and by their position in their specific field of action. Emphasizing the basic parameter of status contests and struggle for symbolic capital, it elaborates on three important aspects of translators’ differentiating self-images and strategies of action, using examples from the field of Hebrew translation in contemporary Israel: (1) the variability of strategies translators employ while playing either conservative or innovative roles, as cultural custodians or cultural importers, in specific historical contexts; (2) the dynamic construction and stratification of the field of translation, which results from the endeavor to establish its autonomous source of prestige, oscillating between impersonal professional status and an artistic-like personal “stardom”; and (3) translators’ preferred models of self-fashioning, according to which they select and signify the facts of their life-conditions and use them for improving their status and terms of work.

Keywords: Translators; Habitus; Cultural-Professional Groups; Translation as an Occupation; Israeli Translators

Introdução

Recentemente, foram feitas tentativas para introduzir os conceitos bourdieusianos de campo e de habitus nos Estudos da Tradução (Gouanvic, 1995; Simeoni, 1998; Inghilleri, 2003). Do ponto de vista da pesquisa cultural, de onde venho, o ponto mais forte dessas tentativas reside em abordar a prática da tradução como uma *atividade social* que, como qualquer outra atividade humana, é organizada e regulada por forças sociais (Sela-Sheffy, 2001). A implicação imediata dessa abordagem indica que os tradutores não podem mais ser designados como meio transparente dentro dos procedimentos textuais. Em vez disso, sua formação como grupo cultural, com seus próprios interesses e aspirações, restrições e acesso a recursos, torna-se importante objeto de estudo. No entanto, essa não é a direção principal para onde os estudos mencionados estão sendo direcionados. No geral, a estrutura que sugerem permanece focada nos contextos comunicativos e linguísticos do desempenho da tradução *per se*, e não na dinâmica dos tradutores como grupo cultural. Por isso, creio ser pertinente revisitar o uso da análise de campo e de habitus na pesquisa em tradução e dar um passo adiante. Uma vez que a contribuição de Simeoni, em 1998, na *Target*, apresenta a discussão mais detalhada sobre o assunto, gostaria de abordar, no presente artigo, alguns tópicos oferecidos pelo autor com relação às três principais questões entrelaçadas a seguir: (a) as relações entre normas de tradução e habitus de tradutores; (b) a natureza do “campo da tradução” e a questão de sua autonomia; e (c) o tema da “personalidade” do tradutor. Para ilustrar meu argumento, usarei exemplos do campo da tradução literária no Estado de Israel contemporâneo.²

² Sem nos atermos às peculiaridades da cultura e da língua hebraicas modernas, a situação contemporânea dos tradutores israelenses pode servir como um teste para discutir o status dos tradutores como um grupo cultural. O material que pesquisei é de natureza heterogênea. Uma fonte inclui centenas de entrevistas, documentos de perfis, revisões críticas e outros relatórios dedicados a tradutores e traduções na mídia impressa israelense, do início dos anos 1980 a 2004 (para uma análise deste

1. O habitus dos tradutores, as normas e a questão da submissão

Um mérito óbvio do conceito de habitus reside na integração que reflete entre as duas perspectivas convencionalmente separadas da ação humana - a cognitiva e a sociológica. Essa integração está alinhada com a visão herdada de antropólogos como Durkheim e Mauss (1963) ou Sapir (1949), para mencionar apenas os nomes mais importantes, segundo os quais os padrões cognitivos humanos são adquiridos socialmente. Definido como um mecanismo de transformação que realiza o intermédio entre estruturas sociais e percepção e ação individual, o conceito de habitus compreende que os desempenhos realizados pelos indivíduos são regulados por esquemas compartilhados, que não estão “meramente lá” em suas mentes, mas são internalizados sob condições semelhantes e compartilhadas ao longo da história. É óbvio que esse conceito corresponde e reforça a noção de normas de tradução (Toury, 1995a, 1999; Hermans, 1995; Schäffner, 1998). Baseando-se principalmente em Norbert Elias e Pierre Bourdieu, Simeoni usa o termo “habitus” em seu diálogo com a discussão pioneira de Toury sobre como “um falante bilíngue se torna um tradutor” (Toury, 1995b). Neste trabalho, Toury compromete-se a explicar a aquisição de habilidades e preferências de tradução (mesmo por bilíngues, cujas faculdades de tradução são aparentemente inerentes), bem como a conquista do indivíduo de reconhecimento como tradutor competente, por meio da autoaprendizagem “quase-nativa” (em vez de treinamento formal) e de sanções impostas pelo ambiente social. Nesse contexto, Simeoni acredita que a ideia do habitus seja útil, na medida em que enfatiza a natureza inconsciente desse processo de

material, consulte Sela-Sheffy [2004]). Outra fonte consiste em 117 respostas a um questionário que trata da imagem pública dos tradutores mantida por israelenses semieducados, como estudantes de pós-graduação (as respostas foram coletadas na Universidade de Tel Aviv, de 1999 a 2004). Fontes adicionais foram fóruns e sites da Internet para tradutores, dados coletados pela Associação de Tradutores de Israel e entrevistas-piloto e comunicações pessoais com tradutores.

aprendizagem (Bourdieu, 1990) e o fator de “autopressão”, o que transforma tendências adquiridas em segunda natureza (Elias, 1982).

Entretanto, como os críticos já indicaram³, a noção de habitus é uma ideia geral inspiradora mais do que uma hipótese concreta viável. Claro que a tentativa de o utilizar no contexto da tradução exige reexaminar alguns de seus pontos vagos e, ao mesmo tempo, também os da noção de normas. Uma grande fraqueza associada à noção de habitus é a visão determinista da ação humana que esse conceito pode transmitir. O problema parece se apresentar na discussão de Simeoni (1998) devido ao peso exagerado que atribui à “submissão” como componente universal supostamente invariável e habitual do tradutor, que quase não dá margem para entender a *escolha* e a *variabilidade* de suas ações. Embora com o objetivo de explorar o processo histórico de formação do habitus dos tradutores, esse argumento ainda parece estar preso a uma concepção bastante rígida e não dinâmica de padrões de ação, levando em consideração a ideia da “tirania das normas” na tradução.

O argumento de Simeoni é que a tendência de se conformar com (em vez de revolucionar) os ditames literários domésticos (Tourey, 1978; Ben-Ari, 1988; Venuti, 1995) resulta das condições sob as quais os tradutores exercem seu ofício há séculos. A razão é, segundo tal argumento, seu alegado *status* inferior duradouro “entre as profissões dominantes da esfera cultural” (Simeoni, 1998, p. 7). Não muito diferente dos escribas das civilizações antigas ou modernas, eles sempre tiveram que atuar sob severas restrições como “servos” de outra autoridade, a autoridade geralmente sendo o cliente. Como tal, sua liberdade de criatividade era nula, uma vez que a desobediência às normas estava sujeita a penalidades como desqualificação, humilhação, ostracismo ou mesmo encarceramento. Simeoni também menciona razões adicionais, como multiplicidade de restrições impostas

³ Por exemplo, DiMaggio (1979), Brubaker (1985), Harker, Mahar e Wilkes (1990), Jenkins (1992), Verdaasdonk (2003), Lahire (2003), Noble e Watkins (2003), Smith (2003), Lau (2004), ver também Sheffy (1997).

aos tradutores por uma clientela diferenciada e por tarefas heterogêneas, que supostamente incentivam uma tendência extrema de conformidade (Simeoni, 1998, p. 11-12). Essa situação, afirma-se, persistiu por centenas de anos ao longo da história cultural ocidental e - ao contrário de outras profissões (principalmente dos autores!) - ainda prevaleceu até o final do século XX. Em consequência, o habitus dos tradutores, nessa visão, diz respeito ao fato de que nunca estão em posição de desempenhar o papel de inventores e de revolucionários.

Traçar a formação histórica do *status* inferior de uma determinada profissão parece convincente (embora duvide que profissões de maior prestígio - como os autores - tenham desfrutado de maior “liberdade de ação” como sugerido nessa proposição). Contudo, seria enganoso concluir que (a) esse *status* inferior é formado igualmente em todos os espaços e períodos culturais; e que (b) a disposição subserviente que desencadeia se aplica de maneira semelhante a todos os indivíduos nesta profissão. Tais generalizações podem dar suporte à imagem popular da tradução como profissão secundária, mas nem sempre são confirmadas pelo exame empírico. De uma perspectiva puramente teórica, essa visão parece monolítica e estática demais para ser integrada à ideia dinâmica de “campos” orientada para a luta, que é o amplo quadro no qual o conceito de habitus de Bourdieu está enraizado.

É verdade que, em certa medida, essa é uma armadilha que vem com a noção de habitus, como discutida em certos casos pelo próprio Bourdieu (Sheffy, 1997). De fato, lendo o autor, às vezes nos deparamos com a dificuldade de conciliar as diferentes implicações de sua noção de habitus. Em certos casos, essa sugere um conjunto totalmente pré-programado de disposições que é incorporado no corpo e na mentalidade do indivíduo desde tenra idade (isto é, o “habitus de classe”) (Bourdieu, 1986). Nesse sentido, invoca uma visão que seria insustentável para o próprio Bourdieu, aquela em que os seres humanos seriam “egos” uniformes (Lahire, 2003), formatados e fixados sob condições de vida homogêneas (Noble, Watkins, 2003; Stokmans, 2003).

Em outros casos, Bourdieu parece estar ciente dessa armadilha e evita-a, enfatizando a natureza improvisada e diferenciada do habitus (Bourdieu, 1990, 1980b). Nessa visão, o habitus é uma força inercial, porém versátil, que restringe as tendências e preferências de uma pessoa, mas também permite transformação e construção contínua, de acordo com os campos em mudança nos quais atua e com as alternâncias de posição em um espaço cultural específico (Smith 2003, Rapoport, Lomsky-Feder 2002).

No entanto, seja ou não determinista a ideia de habitus de Bourdieu, seria um erro transformar o que é proposto como um mecanismo geral da ação humana em uma propriedade distinta de determinado campo da prática. Sem dúvida, a noção de habitus explica a tendência das pessoas de reproduzir certos padrões de ação compartilhados. Além disso, essa concepção compreende a persistência de tendências ao longo da prolongada continuação das formações sociais. E isso vale para todas as atividades humanas, em todos os campos das práticas.

O cumprimento das normas é ineludível, caso contrário, a proposição de “modelos culturais”, “esquemas cognitivos” ou quaisquer termos que sugiram regularidades na percepção e ação humanas não teriam sentido (Holland, Quinn, 1987; D’Andrade, 1995). Ele pertence à própria concepção de cultura que impõe certos modelos à ação humana, por mais forte ou mais fraca que essa imposição possa ser. Em contrapartida, sempre há mais de uma opção para fazer as coisas. Algumas alternativas podem ser apenas marginais, enquanto outras podem ser dominantes, mas a multiplicidade de opções é um fato social básico (Even-Zohar, 1997). Tem a ver com lutas de *status* dentro de determinado espaço social e determinado campo de ação.

O ponto é que a conformidade, ou “obediência às normas”, não exclui divergências. De fato, divergência e distinção são aspectos essenciais do conceito de “campo” de Bourdieu, entendido como um espaço de posições relativas, onde a competição é sempre um fator. Tanto a conformidade quanto a divergência (ou o que Bourdieu chama de “ortodoxia” e “heterodoxia”) são estratégias ado-

tadas pelos atores em dado campo e sob certas circunstâncias. A lógica do campo, de acordo com Bourdieu, é a das pessoas que se esforçam constantemente para obter capital simbólico por meio da apropriação (consciente ou inconsciente) de padrões de comportamento dotados de prestígio, e o habitus é o que facilita o julgamento “instintivo” e o uso das opções disponíveis (Bourdieu, 1980a, 1980b, 1986). Daqui resulta que os atores de um campo tenderiam a ser conservadores ou revolucionários no que diz respeito ao repertório aceito no campo, dependendo da posição (ou posição aspirada) nele. Segundo Bourdieu, é correto que a ortodoxia aumenta com base nos detentores veteranos de capital sempre que houver ameaça a seu *status* estabelecido, enquanto o revolucionismo é geralmente a estratégia dos recém-chegados, cujas chances de ter ações desse capital são escassas (Bourdieu, 1980b; Macracken, 1990). Contudo, o inverso também é possível: quando a busca por inovações se torna o nome do jogo, o conservadorismo aberto (isto é, sancionando modelos canônicos) muitas vezes pode servir como estratégia útil para obter distinção entre os que estão em posições marginais (Bourdieu, 1980b; Even-Zohar, 1990; Drory, 1993).

Tudo isso também se aplica aos tradutores. É impossível falar sobre uma disposição universal de tradutores sem levar em conta a situação dos campos específicos em que atuam. Não podemos dar como certo que seu papel na produção da cultura é sempre secundário e que sua atitude é sempre passiva. Pode-se argumentar que, em culturas estabelecidas, como as das comunidades de língua inglesa e francesa de hoje, que Simeoni provavelmente tinha em mente, os tradutores estão mais inclinados a obedecer aos padrões domésticos dominantes. Por outro lado, nas culturas periféricas ou nascentes, a submissão nem sempre é uma estratégia predominante. Como Even-Zohar (1990, 1997a) já formulou, as atividades de tradução podem desempenhar um papel conservador ou inovador (e muitas vezes podem desempenhar as duas partes por diferentes agentes em um mesmo momento histórico). Por exemplo, usando o caso da língua e cultura hebraicas modernas emergentes durante os séculos XVIII e XIX, Even-Zohar e Toury mostraram como, na

ausência de padrões duradouros na cultura-alvo, ou quando uma ideologia revolucionária é promovida em massa, a tradução é frequentemente um canal de introdução de novos modelos culturais em áreas variadas da vida, incluindo linguagem e literatura (Even-Zohar, 1990b; Toury, 2002, entre outros). De fato, o *status* das traduções como agência conservadora ou inovadora em dado espaço social é determinado por muitos fatores, desde forças políticas e de mercado em geral até a dinâmica interna do campo específico da tradução, suas instituições e repertório estabelecido, demografia e competições pessoais entre agentes individuais.

Certamente, há casos em que a conformidade com as normas canônicas garante o máximo prestígio. Se essa situação prevalecer por longos períodos, o espaço cultural em discussão se tornará estagnado. Como regra, no entanto, mesmo casos de extremo conservadorismo, como o descrito por Elias (1982, 1983), não podem ser inteiramente desprovidos de lutas e variabilidade. Na realidade, a visão de Elias parece problemática precisamente ao evitar esse ponto. Ele descreve a formação de uma figuração humana (e *habitus*) como um processo abrangente e unidirecional, de longo prazo, de pressão intensificada das condições de vida, que resulta na disposição grupal uniforme e na perpetuação de comportamentos. Entretanto, o problema com essa visão é duplo. Primeiro, ao tentar explicar a consolidação e a persistência de formações culturais em grande escala, como a “sociedade de corte” (1983), a “burguesia” (1982) ou os “alemães” (1996), ignora as mudanças em pequenos campos específicos da escala (incluindo, por exemplo, os profissionais)⁴, que resultam de competições, e o equilíbrio de poder em mudança nesses campos. Segundo, propõe umnexo direto entre as condições de vida (no estágio formativo de uma determinada confi-

⁴ Por exemplo, o modelo de vida do “poeta renascentista”, como descrito por Kernan (1979), aparentemente teve um impacto inercial na formação da “vida do poeta moderno” na cultura ocidental desde os tempos de Petrarca. Mas, ao mesmo tempo, evoluíram vários outros modelos de “criar um poeta” no curso da história ocidental, que prevaleceram alternadamente em diferentes lugares e em diferentes momentos (TOMASHEVSKIJ, 1971).

guração humana) e as formas de comportamento, como se o último derivasse “naturalmente” do primeiro.

Segundo Elias, os crescentes intertravamentos físicos e sociais cada vez maiores entre indivíduos nos tribunais europeus resultaram em certas formas de comportamento reprimido. Essa visão carece de uma perspectiva dos *repertórios* diversificados e mutáveis, que são construídos e transformados por meio dos jogos que as pessoas jogam em um determinado campo. Precisamente o mesmo problema também parece se aplicar à visão de que as condições de vida compartilhadas e inalteradas dos tradutores ao longo da história determinaram sua disposição mental em uma única direção, a da “submissão”. Em suma, não há necessidade de identificar tendências socialmente restritas com passividade. “Violação de normas”, “variabilidade”, “criatividade” ou “invenções privadas” são todas socialmente condicionadas pelo mesmo conformismo manifesto (na verdade, é isso que Elias mostra em sua análise da extraordinária vida e carreira de Mozart [Elias, 1993]). Falar sobre o “habitus subserviente” dos tradutores revela, assim, a deficiência da discussão de normas de tradução, o que muitas vezes implica na insinuação negativa, como se fosse uma deficiência que deveria ser superada, ou seja, a ideia de que as normas são ruins e quem as obedece é inepto. Essa ideia (ou entendimento) de normas de tradução ainda parece ecoar a crença, tão fortemente promovida pela arte consagrada e pela crítica literária, na dicotomia ilusória (normativa) entre os campos governados pela “criatividade pessoal” e aqueles regulados pela “padronização absoluta” (Adorno, 1941)⁵. Por mais que essa crença seja fundamental para o efeito de autonomização da produção artística (Bourdieu, 1985), ela não é apoiada por pesquisas sobre a dinâmica da produção cultural em geral. O fato de que as normas têm sido detectadas na tradução

⁵ Nesse discurso crítico da arte, ainda prevalece a ideia irreal de “novidade sem precedentes” e subversividade total como supostamente o critério de uma “arte autêntica”, enquanto a pesquisa na dinâmica cultural reconhece há muito tempo que as inovações são sempre produtos de remodelação e reaproveitamento de opções existentes, geralmente marginais, ou sua importação de outros territórios.

ocorre porque esse campo de prática é mais suscetível ao exame sistemático do que outros campos que desfrutam da imagem (criada por eles) de práticas altamente subversivas. Se tivéssemos procurado a “tirania das normas” nos campos da arte e da produção literária, também facilmente a encontraríamos ali (Even-Zohar, 1990a). Porém, em vez de uma “tirania das normas” na tradução, é melhor falarmos sobre a “influência de certas normas”, isto é, de certos *modelos*, no trabalho dos tradutores. Enquanto o primeiro implica que o cumprimento do repertório doméstico seja um determinante da competência dos tradutores, o segundo levanta a questão de quando, por que e em que medida essa tendência governa a atividade dos tradutores e quais outras opções estão disponíveis para tradutores em diferentes circunstâncias.

Agora, a hipótese da submissão sugere que os tradutores são forçados a exibir um domínio perfeito dos modelos domésticos para serem reconhecidos e para sobreviverem nesse comércio, e isso é um sinal de sua inferioridade e falta de capital simbólico. No entanto, pelo menos no que diz respeito ao caso israelense, o quadro parece ser muito mais complexo. Esse quadro não apenas desafia a crença de que a conformidade com os modelos domésticos é sempre a tendência predominante entre os tradutores, mas também sugere que essa conformidade pode ser uma estratégia altamente gratificante, e não apenas o padrão dos humilhados.

Como meus resultados mostram (Sela-Sheffy, 2004), enquanto para alguns tradutores de literatura israelense exibir proficiência no hebraico normativo possa parecer um requisito padrão, outros conseguem usá-lo como se fosse sua livre escolha. Nesses casos, a linguagem é apresentada como um ativo altamente valorizado e não como mera imposição. É verdade que muitas vezes são tradutores veteranos, mais instruídos nos registros superiores e na tradição antiga do hebraico, que tendem a capitalizar esse conhecimento como sua principal habilidade. Essa proficiência confere a eles a poderosa posição de guardiões que atuam em nome do cânone hebreu, comprometendo-se a educar “leitores cultos”. Como tais, veem-se não como servidores de autoridades que ditam as normas,

mas como criadores de cultura que estabelecem essas normas. Tomar uma posição ortodoxa, portanto, serve a esses tradutores veteranos como meio de garantir seu *status* vantajoso e estabelecer a lacuna entre “especialistas” e “não especialistas”, de modo a impedir a admissão de tradutores iniciantes no santuário de suas atividades. Todavia, essa tendência nem sempre é privilégio de tradutores veteranos, mas às vezes também é adotada pelos recém-chegados. Para eles, não é mais uma ortodoxia ingênua, mas sim uma posição revolucionária. Dada a situação no campo, onde a predileção pela linguagem literária moderna e requintada prevalece, e onde p amplo conhecimento de estilos hebraicos elaborados se torna um conhecimento raro (mesmo entre pessoas instruídas), os poucos tradutores emergentes das gerações mais jovens que possuem esse conhecimento o usam como propriedade excêntrica e extremamente intelectual para se destacar entre seus pares.

O que quero dizer aqui não é apenas que defender o cânone doméstico pode frequentemente ser o trunfo de tradutores rivais, mas que, ainda mais importante que isso, tal ação pode aparecer como um e o mesmo padrão, embora emane de duas diferentes (até contraditórias) disposições culturais. Os antecedentes e as aspirações desses dois grupos de tradutores são diferentes, assim como as posições que ocupam no campo da tradução. Consequentemente, também são suas motivações e restrições ao se apropriarem dessa tendência semelhante e capitalizarem-na.

Além disso, meus resultados sugerem que a observância de estilos canonizados domésticos não é tendência tão abrangente entre tradutores, afinal. Para começar, embora grande parte do estudo do conservadorismo tradutório tenha sido restrito à tradução literária, é duvidoso que esse conservadorismo se aplique igualmente a traduções de material técnico, comerciais, filmes ou séries de TV e assim por diante, quando desconsiderar o hebraico padrão e aceitar notadamente a fraseologia popular americana são comportamentos observados com frequência (Kuperman, 1998). Como os tradutores desses diferentes tipos de textos geralmente são pessoas distintas e as instituições de produção e clientelas também são diferenciadas,

podemos dizer que essas são atividades diferentes, realizadas em diferentes campos, por agentes diferentes.

No entanto, mesmo que nos limitemos por um momento à tradução literária, não podemos ignorar o fato de que, contra aqueles que capitalizam seu domínio dos modelos canonizados domésticos, sempre existem aqueles que procuram estabelecer seu conhecimento de línguas estrangeiras como o capital supremo do campo de tradução. Às vezes, são pessoas criadas em outras civilizações ou que passaram longos períodos no exterior, cuja experiência com as culturas estrangeiras lhes confere a posição vantajosa de “gente do mundo”, tão desejado pelos formadores de opinião israelenses. Subjacentes a esse mérito, esses tradutores reivindicam a posição de embaixadores de “culturas mundiais”, e não de guardiões, assumindo a tarefa de abrir a cultura local e enriquecer sua linguagem e formas de expressão, de modo a resgatá-la do provincialismo e da petrificação. Alguns tradutores chegam ao ponto de assumir uma posição revolucionária e reivindicar o papel de criadores de tendências *por excelência*. Esses tradutores contestam a prevalência de formas domésticas de expressão canonizadas, chamando-as de ultrapassadas e falsas. É certo que essa postura radical é menos comum entre os tradutores israelenses, pois muitas vezes exige críticas hostis contra a estrangeirização intolerável e ofensiva do hebraico, por assim dizer. Entretanto, ainda é uma opção no campo da tradução, em Israel e provavelmente em outros lugares. De fato, a crítica agressiva contra essa postura é mais uma indicação de sua potência do que de sua marginalidade.

Essa multiplicidade de tendências e posições, como evidenciado em um campo específico da tradução, obviamente desafia a postulação de uma “disposição internalizada” universal dos tradutores. A conclusão parece inevitável, que o estudo de um “habitus de tradutores”, no sentido de tendências compartilhadas socialmente que restringem suas ações, deve se concentrar em um campo particular da tradução. Deve levar em conta a distribuição dinâmica das estratégias pelos atores desse campo e o repertório de opções de prestígio disponíveis a eles.

2. O campo da tradução e a questão de sua autonomia

O campo da tradução é, então, um fator importante nesta discussão. Não obstante, Simeoni (1998) nos lembra da ambiguidade que caracteriza a própria ideia desse “campo”. Tal ambiguidade parece ser típica da visão de muitas outras ocupações marginais e semiprofissionais. É verdade que parece mais fácil identificar os contornos de um “campo” quando se trata de domínios institucionalizados e codificados de práticas profissionais, como o Direito, a Medicina e afins. Também pode parecer mais fácil traçar “um campo” em domínios estabelecidos da produção artística, como o da Literatura, organizado por meio de instituições poderosas e de produtos bem definidos que são facilmente identificáveis por grupos de especialistas e porta-vozes famosos. Os tradutores, por outro lado, costumam ser vistos como um grupo semiprofissional silencioso, invisível e pouco definido, cuja ocupação é auxiliar e cujos limites de campo são confusos. Aparentemente, essa situação varia de cultura para cultura. Tradutores israelenses, por exemplo, costumam reclamar que seu próprio *status* de profissão é inferior ao de tradutores na Europa, relatando uma falta geral de consciência e apreciação local de sua experiência (Lev-Ari, 2002; Harel, 2003). A identificação dos tradutores como um grupo fica entre “profissão”, por um lado, e “arte”, por outro.

Como profissão, a formação é fraca, não têm ética profissional unificada nem estruturas formais de treinamento obrigatório ou legislação⁶. Qualquer pessoa pode traduzir⁷, e acredita-se que qualquer pessoa possa fazê-lo (muitos clientes declaram que “teriam feito eles mesmos se tivessem tempo”). Além disso, os tradutores

⁶ Para parâmetros de profissionalismo, ver Abbott (1988). Para a profissão de tradução nos EUA, ver Chriss (2000).

⁷ A tradução não é oficialmente reconhecida como profissão pelo que seria o órgão equivalente ao Instituto Nacional do Seguro Social do Israel. Nesse sentido, é classificada em uma categoria bastante bizarra, fica juntamente com “serviços ou ativos”, “obras e serviços de transporte”, “trabalhos agrícolas”, “corte de diamantes” e “aluguel de apartamentos”.

são pouco organizados. A Associação de Tradutores de Israel- (ITA)⁸ é um órgão voluntário, ainda bastante limitado, sem poder para regulamentar as condições e o preço do trabalho dos tradutores ou para atuar como gerenciador de ofício. Embora tenha sido revitalizada e ampliada (de cerca de 90 para quase 400 membros entre 2002 e 2004), os associados são apenas metade do número estimado de tradutores israelenses (Lev-Ari, 2002). Tradutores literários muito apreciados geralmente não são membros. Existe uma Tabela de Preços emitida pelo ITA, mas geralmente é considerada irrealista e com preços mais altos que os praticados no mercado, tendo como base da escala traduções literárias do inglês para o hebraico. Na prática, os preços nunca são padronizados (Harel, 2003; Lev-Ari, 2002; Kermit, 2003)⁹. O padrão de carreira dos tradutores é frágil e informal. Frequentemente é praticada como uma ocupação temporária ou em meio período. O ingresso nessa profissão é possível em qualquer idade e, para muitos, ocorre como uma segunda carreira tardia. O aprendizado ocorre principalmente pela experiência. Os workshops e seminários de tradução amadores são abundantes e, nos últimos anos¹⁰, assistimos à proliferação dos programas universitários de tradução, embora não seja necessário um diploma para atuar na área.

⁸ Para informações básicas, consulte o site da associação (<http://www.ita.org.il>). Os dados foram obtidos principalmente a partir de uma entrevista com Sarah Yarkoni, presidente da Associação. Sou grata a ela por sua ajuda.

⁹ Embora as taxas e os termos de trabalho não estejam padronizados e os dados sobre eles geralmente não estejam disponíveis, algumas informações podem ser obtidas, por exemplo, em fóruns da Internet e grupos de discussão (por exemplo o *Fórum de Tradução e Edição*, [KERMIT, 2003], o *Translation Fees* (2003) e vários outros fóruns). Dessas fontes, emerge que as traduções técnicas e comerciais são, de longe, muito mais bem pagas que as obras literárias.

¹⁰ Em recentes mensagens entre tradutora e autora, profa. Sela-Sheffy acrescentou que *This is no longer the case today, in 2020, where the number of diploma programs has recently decreased in Israeli academy* [Este não é mais o caso atualmente, em 2020, quando o número de cursos de formação diminuiu nas universidades de Israel].

Ao mesmo tempo, a Tradução também não é totalmente reconhecida como “ocupação artística”. Como podemos verificar nas respostas ao questionário que trata da imagem cultural dos tradutores israelenses, padece da imagem de “ocupação intelectual sem glamour”, considerada secundária ao papel dos autores, um serviço “artesanal” (Jänis, 1996). É verdade que muitos entrevistados atribuem aos tradutores as propriedades valiosas de ter o conhecimento de idiomas e uma ampla educação, além de os considerarem “mediadores de bens culturais”. No entanto, a maioria encontra essa ocupação em *status* igual ao de professores, diretores ou vice-diretores, assistentes de ensino, bibliotecários, revisores e afins. Embora esses entrevistados façam distinção entre tradução literária e “técnica” e afirmem que a primeira implica, além da alta proficiência linguística, também “sensibilidade literária” e “criatividade”, ainda assim, confirmam a visão dos tradutores como “mantidos nas sombras” ou “por trás da cena”, como uma das ocupações marginais envolvidas na produção de textos.

O *status* ambivalente da ocupação obscurece a estrutura do campo de ação dos tradutores, ainda mais quando se trata de tradutores literários. Como são vistos como agentes (secundários) no contexto do campo literário, a formação de uma configuração social separada e autodirigida é muitas vezes considerada questionável. No entanto, precisamente nessas formações culturais nebulosas, a noção de campo deve ser especialmente útil, ao apontar para uma dinâmica cultural menos conspícua e mais flexível. Essa dinâmica de um “campo”, que pode ter muitas manifestações diversas, existe na medida em que é percebida e realizada por quem joga “o jogo da tradução”. Sendo assim, é definida pelo capital específico que pode ser obtido ao jogar esse jogo em particular. Não há necessidade de tentar determinar até que ponto os tradutores literários operam como parte do campo literário ou formam um campo separado. Ambas as perspectivas estão certas. O vínculo desses tradutores com o campo literário é óbvio, uma vez que alguns deles também seguem carreiras literárias como editores, críticos, poetas, escritores e acadêmicos. Em muitos casos, o título “tradutor” nem apare-

ce como primeiro em sua reputação. Ao mesmo tempo, contudo, tais tradutores também desenvolvem uma “sensação do jogo” que os qualifica a atuar no campo da tradução. Em outras palavras, se por “campo” queremos dizer um espaço estratificado de posições, com pessoas lutando para ocupar essas posições, impulsionadas por um tipo específico de incentivos e gratificações, então tradutores (incluindo tradutores literários) em Israel (e provavelmente em outros lugares) também formam um campo de ação distinto. Esse campo é coordenado por sua própria competência e hierarquia interna e regulado por seus próprios repertórios internos, ethos e auto-imagens profissionais. É dividido em diferentes grupos (por exemplo, de ramos literários, legendadores, tradutores simultâneos ou outras áreas da tradução), comunidades e “panelinhas”. Existem jovens e idosos; veteranos e novas gerações; conservadores e revolucionários; os mais apreciados e os menos apreciados; aqueles que traduzem textos “importantes” ou intelectualizados e aqueles que lidam com material “trivial” etc. (Katzenelson, 2000).

Como em qualquer outro campo, os limites e a hierarquia interna do campo da tradução são dinamicamente formados pelas contínuas lutas dos atores para determinar suas bases. Ao mesmo tempo, essas lutas também transformam o *status* cultural desse campo como um todo. Meus resultados mostram que, pelo menos desde meados da década de 1980a, os tradutores literários israelenses têm se esforçado para melhorar sua posição e termos de trabalho, promovendo o *status* autônomo de sua ocupação como fonte de capital simbólico (Sela-Sheffy, 2004). Notamos que esse processo é mais claramente evidenciado pelo vigoroso discurso de tradutores e de críticos na mídia impressa durante as últimas duas décadas. Servindo como arenas importantes onde as lutas por *status* são moldadas e controladas (De Nooy, 2002), esses canais revelam um esforço considerável dos tradutores em promover sua imagem pública e estabelecer a tradução como carreira autonomamente gratificante por si só, com uma aura distinta.

Naturalmente, esse discurso se concentra em tradutores literários, que, de modo geral, estão muito mais expostos ao público do

que tradutores de textos não literários, e podem alcançar a mais alta reputação como indivíduos. Isso coloca em primeiro plano um círculo restrito de 20 a 25 tradutores e os coroa como “estrelas” da tradução, cuja fama vai além dos limites da profissão, como celebridades públicas. Sendo assim, esses agentes privilegiados são reconhecidos como porta-vozes dos demais tradutores e como aqueles que dão o tom no campo.

É certo que esse discurso não é o único canal por meio do qual ocorrem tentativas de estabelecer a tradução como um campo independente, com um capital simbólico exclusivo. No âmbito da tradução não literária, essas tentativas parecem ser a força motriz do processo de profissionalização (Abbott, 1988; Aldridge, Evetts, 2003). As crescentes estruturas educacionais mencionadas acima, oferecidas por universidades e outras instituições, os seminários e eventos organizados pela ITA ou os vários grupos de discussão na internet são todos sinais desse processo, que visa estimular a consciência profissional e a solidariedade do grupo, assim como aumentar os requisitos para admissão neste campo como um “clube profissional”. É verdade que iniciativas recentes de amplo alcance da ITA, como os exames de admissão ou a elaboração de um código ético, nem sempre são bem-vindas pela maioria dos tradutores, que estão acostumados a trabalhar como *freelancers* e suspeitam de “regras impostas” que podem ameaçar sua autoridade pessoal como profissionais. Por outro lado, todas essas iniciativas são indicativas de uma tentativa de profissionalismo impessoal, destinada a conferir aos tradutores uma “dignidade de grupo” e aumentar as chances gerais de sucesso, sem destacar alguns deles como nomes individuais.

Por contraste, o círculo acima mencionado de tradutores literários altamente celebrados é um produto de um *star system* (“sistema estelar”) emergente (Shumway, 1997) no campo da tradução (que se manifesta por vários marcadores de fama pessoal, como prêmios, exposição na mídia ou conexões com outras celebridades). Este sistema parece ser o privilégio de tradutores literários. Aparentemente, por causa de suas perspectivas econômicas limitadas e condições de trabalho mais severas, a glória pessoal parece ser sua

única chance de melhorar seu status¹¹. Ao mesmo tempo, esse *star system* está mais disponível estruturalmente para tais tradutores por meio do contato com o campo literário. Portanto, a formação desse sistema se apoia fortemente em modelos dos campos da literatura e das artes. Como demonstram casos semelhantes de promoção da autonomia dos campos marginais da produção cultural artística (Sela-Sheffy, 1999), esse esforço envolve uma mistificação (e não uma formalização racional) das regras, requisitos e critérios de julgamento da profissão (Bourdieu, 1985). A maioria desses tradutores de alto nível tende a glorificar seu ofício como uma “vocação”, e não apenas como uma habilidade para ganhar a vida. Fazem esforços para retratar a competência tradutória como consistindo em uma disposição única, um presente inexplicável que alguém tem ou não tem, o que descaracteriza qualquer conhecimento e método sistemático de aprendizado. Este “feitiço mágico”, assim supomos, distingue tradutores “genuínos” de meros “técnicos de palavras”.

Adotando o ponto de vista sectário daqueles que possuem um conhecimento prévio exclusivo e colocando os olhos nos colegas tradutores mais que nos leitores (ou assim eles gostariam que acreditássemos), esses tradutores criam o que Bourdieu (1985) chama um “campo de produção em pequena escala”, tão típico dos campos autônomos ou dos que aspiram à autonomização. Quer tomem uma posição conservadora ou quer optem por uma ação mais revolucionária, todos insistem na licença artística e na liberdade de seleção do material, expressando indiferença (até mesmo desprezo) em relação a interesses comerciais ou “gostos populares”. Em vista da alegada função subordinada dos tradutores na indústria do livro, destacar seus julgamentos e responsabilidades pessoais é um sinal inequívoco do *status* de destaque como indivíduos nesse campo de produção cultural.

¹¹ Nesse grupo, observa-se uma grande disparidade entre uma elite restrita de nomes conhecidos e um amplo círculo de agentes anônimos desprivilegiados. Porém, as chances de alguns deles receberem a atenção do público e de melhorarem drasticamente seus termos de trabalho também são maiores.

Toda essa arte complexa de autoapresentação, implicando o valor único de cada tradutor como mestre individual insubstituível nesse ramo, confere a esses tradutores célebres o *status* de indivíduos que estão em posição de negociar os termos e o preço de seu trabalho. Embora tendam a acusar as editoras de uma política capitalista que perpetua o rebaixamento e a deterioração do *status* da tradução e dos tradutores (Harel, 2003), alguns deles, no entanto, admitem que a própria situação está longe de ser sombria. Podem dar-se ao luxo de agir como *prima donnas*, interferindo nos regulamentos das editoras e desconsiderando os horários, assim como seus preços podem exceder as taxas médias várias vezes.

3. O que é preciso para ser um tradutor

Voltemos agora à ideia do habitus. Se o campo é construído de constantes lutas pela definição de seu capital, o habitus é o que gera a inclinação das pessoas por certas formas de ação que conferem prestígio (ou seja, “gosto”). Como tal, a ideia do habitus surge como alternativa às explicações racionais da ação humana¹². Apesar de toda imprecisão, essa noção destaca dois aspectos da ação das pessoas: a natureza inconsciente das escolhas que fazem e a correlação dessas escolhas (interdependentes) com o *status* social. Essa ideia coloca em foco o senso tácito de “saber o que fazer” (Goffman, 1959) que é a capacidade intuitiva do indivíduo de participar da construção coletiva em andamento de acordos de senso comum sobre formas de comportamento aceitáveis (Davis, 1994). São acordos que são sentidos como muito reais para as pessoas em qualquer cultura, mas são tão difíceis de rastrear por meio de pesquisas empíricas, precisamente porque desafiam a codificação formal (Bourdieu, 1990). Sendo esse tipo de “sensação” ilusória, rastrear isso é mais fácil em casos de conflito de habitus: quando os

¹² Ver também Swidler (1986), Lamont (1992) e comparar com Verdaasdonk (2003).

indivíduos fracassam nas funções sociais, apesar das qualificações formais (Gumperz, 1979), quando o comportamento dos indivíduos parece contrariar seus melhores interesses (Lau, 2004) ou quando tentativas excessivas de acomodação marcam um indivíduo como “naturalmente não pertencente”.

Tudo isso também pode ser aplicado ao estudo do campo da tradução. De fato, este está perfeitamente alinhado com a ideia de normas, ao sugerir que nem tudo é explicável no nível da solução sistemática de problemas. Os tradutores agem como agem porque sentem que é correto agir de uma certa maneira (geralmente à custa de “soluções desajeitadas”) e, de fato, defendem fortemente o mistério de seu *know-how*. Como já está implícito na tentativa pioneira de Toury (1995a), a competência do “tradutor nativo” é formada como parte de um processo mais amplo de socialização, do qual o indivíduo nem sempre está ciente. É o processo pelo qual os indivíduos constroem seus hábitos e preferências linguísticas (por exemplo, o senso de estética linguística, o estilo de escrita, a capacidade ou incapacidade de alternar entre registros de linguagem, o respeito ou desrespeito pelas fontes literárias canônicas, e, assim por diante), juntamente com muitos outros modelos comportamentais que moldam suas atitudes gerais como “egos” culturais. Com efeito, decorre dessa conceituação que a compreensão do desempenho dos tradutores seria impossível sem algumas pistas para esse conhecimento sensorial compartilhado do “que combina com pessoas como nós”.

Simeoni (1998), portanto, tem razão ao sublinhar que o habitus não se refere apenas à experiência profissional, mas também é responsável por todo um modelo de pessoa. Novamente, essa é uma ambiguidade herdada da própria discussão de Bourdieu sobre o habitus. Em alguns momentos, ele fala sobre “o habitus de um campo”, enquanto em outros casos observa a existência de um habitus pessoal no sentido de uma “classe de pessoas”. O primeiro é composto pelas tendências, crenças e habilidades compartilhadas, as quais pré-condicionam a operação natural de um campo específico (por exemplo, o habitus dos filólogos [Bourdieu, 1980b]). O

último refere-se a um conjunto unificador de esquemas mental e fisicamente incorporados que coordenam o comportamento do indivíduo em todas as áreas da vida (Bourdieu, 1986). Ciente dessa ambiguidade, Simeoni sugere uma distinção entre *habitus* “social” (“generalizado”) e *habitus* “profissional” (“especializado”), enfatizando que a correlação entre esses dois níveis do *habitus* nunca pode ser tomada como garantida, mas deve ser examinada em cada caso particular.

Isso pode ajudar a esclarecer o papel às vezes desempenhado por campos de ação específicos na formação do *habitus* de uma pessoa. Embora o “*habitus* generalizado” dos tradutores possa ter muito em comum com o de setores sociais maiores (incluindo outros grupos profissionais) com características econômicas, demográficas e econômicas similares e estruturas educacionais, devemos perguntar se a inserção nesse campo específico impõe tendências pessoais ainda mais significativas¹³. Contudo, o problema com essa classificação parece ser, novamente, a interpretação restrita do “*habitus* especializado do campo” a que ela pode levar. O “*habitus* de campo”, de maneira ideal, significa uma série de tendências e preferências dos agentes em vários aspectos de sua vida (isto é, seu “gosto”), de modo que “ser uma pessoa tecnológica”, por exemplo, exige muito mais do que apenas conhecimento em computadores (Eitam, 2003). Na prática, entretanto, essa classificação parece levar, inadvertidamente, a delimitar o “*habitus* do campo” às habilidades e preferências específicas empregadas na realização de traduções (ou seja, “os estilos de tradução escrita”) (Simeoni, 1998, p. 18-19).

No final, essa interpretação parece estar perdendo sua base ao usar uma ferramenta conceitual complexa, como o *habitus*, enquanto permanece confinada a esse nível único e mais óbvio de ação dos

¹³ De fato, como Toury (1999) sugere, certas preferências que podem ser observadas nas performances de tradução também podem ser exercidas em outras práticas relacionadas ao campo como críticas ou treinamento em tradução, e não devem ser limitadas apenas à prática da tradução.

tradutores, pelo qual são reconhecidos formalmente. Não apenas a aquisição da proficiência em tradução é determinada por fatores sociais mais amplos (seus “antecedentes”), mas essa proficiência em si mesma não é o único parâmetro que compõe um tradutor reconhecido. Pode-se argumentar que tradutores devem produzir traduções, assim como sapateiros devem fazer sapatos e poetas escrever poemas. No entanto, mesmo essa condição aparentemente segura para “ser tradutor” (ou “ser poeta” etc.) não é evidente. As pessoas podem escrever muitos poemas sem serem consideradas “poetas”, enquanto outros podem se sentir e ser reconhecidos como tais, mesmo que sua produção seja escassa, desde que construam a *persona* apropriada para si mesmos e sigam as regras certas. O mesmo vale para os tradutores. Eles podem ser o que são por “disposição” e não por produção. Existem exemplos suficientes de tradutores literários israelenses cujo crédito é baseado em sua imagem pessoal e em perspectivas gerais mais do que em sua produção “objetiva” de tradução. Às vezes, a *persona* do tradutor é atraente o suficiente para ser adotada por tradutores não tão profícuos, que, não obstante, gozam do *status* de tradutores reconhecidos com uma sólida filosofia de tradução (Sela-Sheffy, 2004).

À medida que emerge o que os tradutores dizem sobre si mesmos e o que as outras pessoas dizem sobre eles, ser tradutor também implica certas expectativas em relação à personalidade e ao estilo de vida. Existe um conhecimento (em parte tácito e em parte explícito) do que deve ou não ser feito ou dito para que se deva ser reconhecido como tradutor competente. Esse conhecimento intuitivo pode nem sempre ser visível; dificilmente podemos identificar tradutores por suas roupas ou escolha de boutiques ou cafeterias. Aparentemente, há certas tendências pessoais “recomendadas” que acompanham “ser tradutores” (como o gosto por assuntos “culturais”, o temperamento pessoal, atitudes em relação a idiomas e educação, o senso de dignidade profissional, conexões sociais e preferências, hábitos de organização do tempo, trajetórias de vida etc.), cujas disposições criam seu senso de identificação e de distinção de grupo. Esse conhecimento é internalizado e reproduzido

pelos tradutores e varia entre os diferentes núcleos.¹⁴ Em certa medida, também é compartilhado por outros agentes do setor de tradução ou mesmo por pessoas de fora (como leitores, estudantes universitários etc.) que participam da reprodução da imagem do tradutor (Eitam, 2003). Independentemente de como esse conhecimento intuitivo é formado e distribuído, ele desencadeia ou sanciona o comportamento real dos tradutores.

Em termos ótimos, uma análise desse tipo requer um estudo meticoloso dos parâmetros do estilo e das trajetórias de vida dos grupos relevantes (Sapiro, 2004). Como mencionado, esse estudo, que envolve grande número de variáveis nem sempre é viável. No entanto, mais importante que os fatos concretos do estilo de vida dos tradutores, como tal, é sua avaliação pelos próprios tradutores, ou seja, a maneira como os tradutores significam esses fatos, usando-os para negociar seu *status* e autoestima (Lamont, Fournier, 1992; Peterson, 1997).

Um estudo tão meticoloso ainda não foi tentado para tradutores em Israel. Para começar, como a tradução não é uma profissão oficialmente reconhecida no país, o *Departamento Central de Estatísticas de Israel*¹⁵ não oferece nenhum dado sobre tradutores. Ainda assim, algumas informações emergem de fontes parciais que estão a nossa disposição¹⁶. Essas fontes incluem informações (incompletas) sobre educação formal, local de residência, gênero, idade e período de prática profissional, idiomas e campos de interesse e algumas pistas sobre honorários e salários. Essas informações

¹⁴ E compare-se isso com os resultados encontrados por Eitam sobre as diferenças nos “gostos”, formação mental, aparência física, organização do tempo, preferências da sociedade etc. – estabelecida entre *start-ups* e funcionários de alta tecnologia em Israel. (EITAM, 2003).

¹⁵ Órgão que realiza pesquisas semelhantes ao Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (Nota da tradutora)

¹⁶ Além das fontes mencionadas anteriormente, baseio-me aqui em 120 respostas a um questionário da ITA que lida com as preferências dos tradutores em cursos de aprimoramento. O questionário foi distribuído em 2004 para 516 tradutores, a maioria membros da ITA. Os 120 que responderam devem, portanto, ser os tradutores mais conscientes e interessados entre os membros da ITA e seus colegas.

sugerem, por exemplo, que os tradutores israelenses costumam ter formação acadêmica¹⁷, principalmente em Ciências Humanas (Inglês, Linguística e Literatura) e em Ciências Sociais. Existem muitas mulheres tradutoras (são a maioria dos membros da ITA e 79% dos respondentes ao questionário). Esse fato é, muitas vezes, entendido como correlacionado às frouxas estruturas de carreira e à organização do tempo, que caracterizam essa ocupação e, portanto, a seu *status* inferior (Pinder, 1998; Collinson, 2004). No entanto, o raciocínio de que essa é uma “ocupação das donas de casa” porque atende às necessidades das mães de ficar em casa com os filhos (Katzenelson, 2000) é, em parte, refutado pelo fato de que muitos tradutores não são muito jovens.¹⁸

Até certo ponto, essas informações também incluem algumas indicações das atitudes e aspirações dessas pessoas. Por exemplo, um aspecto muito significativo da autoapresentação de tradutores israelenses que emerge das respostas ao questionário da ITA é o conhecimento de línguas estrangeiras, ou melhor, a referência a esse conhecimento. Sem surpresa, todos os tradutores declaram ter conhecimento de inglês. O par de idiomas “inglês para hebraico” e “hebraico para inglês” predomina, de modo que isso indica o fato trivial de que o inglês prevalece como segunda língua em Israel, tanto como parte do repertório obrigatório de pessoas instruídas quanto como língua mais demandada no mercado de tradução (literária e outras).¹⁹ No entanto, a seleção de outras línguas nas quais

¹⁷ Dos 120 entrevistados no questionário ITA, 103 declaram possuir diploma acadêmico: 59 bacharéis, 35 mestres, 3 doutores, 3 bacharéis em direitos e 3 MBA.

¹⁸ Mais de 30% dos entrevistados no questionário da ITA, por exemplo, referem experiências de entre 15 e mais de 25 anos, enquanto para muitos outros essa é uma segunda carreira que só começou mais tarde.

¹⁹ Além disso, o fato de tantos entrevistados mencionarem apenas esses idiomas (mais de 60%) sugere que muitos tradutores são hebreus nativos ou falantes nativos de inglês. Não há estatísticas sobre a distribuição de tradutores nascidos e não nascidos em Israel. No entanto, existem muitos tradutores israelenses que, tendo o inglês como língua materna, se especializam em traduzir para o inglês. De fato, esses tradutores constituem um grande segmento de membros da ITA e provavel-

os tradutores declaram proficiência parece ser ordenada por uma hierarquia de prestígio. Ela inclui não apenas qualquer idioma disponível para (e pode ser exigido) a população local (certamente não os idiomas de prestígio da Diáspora que ainda podem ser adquiridos por algumas pessoas “em casa”), mas apresenta como o primeiro e mais importante o francês²⁰ e outras línguas europeias de prestígio, principalmente o espanhol e o italiano.²¹ Por outro lado, o árabe e o russo, os dois idiomas mais falados em Israel após o hebraico, são relativamente pouco mencionados nesta lista.²² Seja qual for a razão para que os falantes desses idiomas evitem a prática tradutória (ou se abstenham da identificação como tradutores na lista do ITA), parece-nos que isso revela a importância atribuída pelos tradutores ao conhecimento de línguas estrangeiras como um marcador de *status*. Além de ser uma ferramenta de trabalho, esse conhecimento aparece como ativo simbólico que os tradutores (como outros setores de

mente o maior (mas não exclusivo) segmento de tradutores israelenses que lidam com a *exportação* de textos. Seu conhecimento de inglês e formação em culturas de língua inglesa certamente lhes conferem um grande prestígio no espaço cultural local. Contudo, ao mesmo tempo, lidando principalmente com textos de “exportação” em vez de “importação”, sua voz dificilmente é ouvida nos vários fóruns dedicados à tradução hebraica, e eles são frequentemente considerados pelos participantes desses fóruns como marginais e irrelevantes. Agradeço a Sarah Yarkoni por esse comentário.

²⁰ Para saber mais sobre o *status* das línguas em Israel ver Ben-Rafael (1994).

²¹ O francês foi mencionado por 24 dos 120 entrevistados no questionário ITA, o italiano 11 e o espanhol 6. Os idiomas adicionais listados por esses entrevistados foram alemão (5), português (3), romeno (3), ucraniano (2), ídiche (2) e húngaro, tcheco e eslovaco, mencionados uma vez. A julgar por essas figuras parciais, parece evidente que o conhecimento de idiomas tradicionais, como os da Diáspora Judaica, é declarado menos comercializável nos negócios de tradução. Curiosamente, entretanto, idiomas “exóticos”, como japonês ou chinês, não são mencionados nesta fonte.

²² O árabe é mencionado 4 vezes e o russo 10 vezes. Na cultura israelense de hoje, essas duas línguas têm o status duplo das línguas minoritárias (a dos árabes e a dos recém-chegados judeus russos), e como línguas de alta cultura e aprendizado acadêmico. Aparentemente, embora a tradução literária desses dois idiomas seja respeitável (como emerge de muitas revisões de traduções e entrevistas com tradutores), a “tradução prática” desses idiomas é muito menor.

israelenses educados e semieducados) tendem a capitalizar e manipular em suas rotinas de construção de identidade cultural.

Da mesma forma, as escolhas relatadas pelos tradutores de campos especializados e os cursos de aperfeiçoamento mais frequentados revelam que a ampla educação nas Ciências Humanas (Arte, Literatura e Poesia, Direito, Psicologia, Ciências Naturais e Sociais, História e Estudos Judaicos) é mais prontamente declarada que os chamados campos técnicos, como Informática, Finanças, Segurança, Medicina, Cosmética etc. Esse fato pode sugerir a aspiração por uma imagem intelectual e não por “tecnocratas de mente estreita”. Todos esses vários “marcadores de avaliação” ajudam a inferir as preferências culturais gerais dos tradutores e a arte da criação de fronteiras sociais (Lamont, 1992, 2003; Lamont, Fournier, 1992). No entanto, esse tipo de informação é melhor obtido por meio de evidências discursivas, como entrevistas, conversas ou formas escritas de autoapresentação, do que por meio de *surveys* (Peterson, 1997). Por exemplo, os tradutores falam muito sobre serem menosprezados, ignorados e mal pagos. “A questão do pagamento pelo trabalho de tradução é um tópico de constante apego para todo tradutor que se preze” (Kermit, 2003). Contudo, mais do que apenas apontar os valores, os relatórios dos tradutores sobre sua situação revelam a opinião de que merecem maior respeito e apreciação do que afirmam ter. Esses relatórios geralmente indicam o senso de superioridade dos tradutores sobre os “clientes ignorantes” ou um “público ignorante”.

Os modos como os tradutores se apresentam são, portanto, não apenas indicativos de seu senso de “que tipo de pessoas eles são”, mas de fato também construtivos na criação da identidade cultural desejada e na distinção entre si mesmos. Das fontes parciais a minha disposição, verifica-se que os tradutores israelenses tendem a se descrever como indivíduos curiosos, ansiosos e rápidos para aprender, cujos campos de interesse são vastos e que valorizam recursos, alta proficiência, perfeccionismo, dedicação e responsabilidade, em vez de carreira ou sucesso material. Os tradutores tendem a sublinhar seu amor ao ofício. A inclinação natural e o gozo de seu

trabalho costumam ser tanto uma condição prévia para a conquista nesta ocupação (“não pode ser feita sem amor”) quanto a razão para escolhê-la como carreira em primeiro lugar. Da mesma forma, o fato de que a tradução é normalmente realizada isoladamente, não como trabalho em equipe, também é mencionado pelos tradutores israelenses como aspecto significativo de sua vida e personalidade. Esse fato invoca uma série de posturas da parte deles, desde falar sobre estresse e solidão até enfatizar o fato de serem “espíritos independentes”. Enquanto alguns relatam que sentem (ou são vistos como) introvertidos, pouco à vontade para trabalhar com outras pessoas, preferindo trabalhar com documentos, outros falam sobre dificuldades em acomodar estruturas rígidas, sobre a organização de tempo e sobre a necessidade de ser “seus próprios mestres” (Katzenelson, 2000). Apesar da incerteza e pressão que surgem com essas condições de trabalho (fluxo irregular de empregos, mudança de clientela, prazos impossíveis), muitos deles preferem trabalhar por conta própria, administrando os próprios negócios.

No entanto, quando se trata de tradutores literários, esses aspectos de solidão e independência das condições de trabalho são ainda mais racionalizados como parte do modelo de personalidade excêntrica que adotam. Seu discurso sugere que estão mais conscientes de sua autoformação, demonstrando paixão por seu trabalho, sensibilidade e imaginação e gosto requintado como componentes centrais de seu retrato cultural (Sela-Sheffy, 2004). Como nos diferentes campos da arte e da produção literária, na ausência de critérios e qualificações profissionais formais, uma personalidade extraordinária parece se tornar, para esses tradutores, um requisito muito importante de sua aptidão como agentes nesse campo. Por analogia com artistas e poetas, os tradutores literários israelenses tendem a acentuar o fato de serem *outsiders*, indivíduos não convencionais, vivendo vidas não convencionais, às vezes com personalidades não sociáveis²³. Eles costumam expressar laços emocionais profundos

²³ Para uma descrição do modelo de personalidades literárias não sociáveis, veja, por exemplo, Carey (1992).

com seu trabalho, a ponto de deixar a ocupação se misturar e dominar sua vida pessoal. Ao racionalizar o padrão de carreira livre de sua ocupação, tendem a construir histórias de vida, a fim de apresentar o fato de serem tradutores não como uma decisão lógica adequada a sua educação e formação social, mas como um impulso inato que de alguma forma se materializou por acaso.

Conforme emerge de seu discurso, os tradutores literários em Israel diferem fortemente dos não literários em suas aspirações mais elevadas e no senso de distinção cultural. Enquanto “tradutores comuns” estão dispostos a admitir que as decisões finais sobre sua produção estão nas mãos de seus clientes, os tradutores literários dificilmente mencionam o papel desempenhado por revisores e editores na produção de traduções ou, em certos casos, opõem-se à interferência de outras pessoas em seu trabalho. Enquanto o ethos dos “tradutores comuns” permite discussões abertas e concretas de detalhes mundanos, como condições de trabalho e honorários, e desmistificação dos textos originais (Green, 1990; Harel, 2003; Kerel, 2003; Kermit, 2003; Yariv, 2004)²⁴, tudo isso está absolutamente ausente do discurso dos tradutores literários, que é dedicado, ao contrário, a deliberações filosóficas e emocionais. Tradutores literários muitas vezes se esforçam para demonstrar admiração e apreensão pelo Texto (com um T maiúsculo) e capacidade de autoeliminação artística, as duas marcas mais distintas da mais pura mentalidade artística de acordo com a ideologia literária moderna (Sela-Sheffy, 2004).

Esse tipo de evidência, por mais parcial que seja, ajuda a traçar as “restrições sociais inscritas nos indivíduos”²⁵ que direcionam as escolhas e decisões dos tradutores, mesmo como profissionais. A noção de habitus, entendida dessa maneira, ajuda a pensar no mistério das afinidades (Bourdieu, 1980a), que resulta de ajustes e reajustes entre indivíduos pré-dispostos e o repertório predominante no campo. Como esse repertório e os grupos que atuam no campo

²⁴ Veja também Chriss (2000).

²⁵ *social constraints inscribed in individuals* (p. 19).

podem variar, o habitus do campo nunca é homogêneo e definido. Embora a afinidade ou distância inicial entre o habitus de campo e o habitus dos candidatos possa determinar o potencial sucesso ou fracasso de sua ação nesse campo, mudanças nas condições ou demografia também podem introduzir mudanças no habitus do campo.

Conclusão

Os conceitos de campo e habitus acrescentam importante perspectiva sociológica nos Estudos da Tradução como atividade, particularmente ao estudo de normas na tradução. É verdade que, por serem noções complexas e pouco definidas, às vezes parecem confusas e obscuras quando aplicadas à pesquisa e, se simplificadas, podem até levar a uma visão determinista da ação humana. No entanto, é inegável seu potencial para perceber a tensão entre a previsibilidade e a versatilidade das preferências e escolhas dos tradutores, conforme determinado pela associação do grupo. Em geral, esses conceitos introduzem nos Estudos da Tradução o parâmetro básico das disputas de *status*, isto é, a luta pelo capital cultural, que é a força motriz inevitável por trás de todas as atividades socialmente organizadas. À luz desta teoria, tentei, neste artigo, elaborar três aspectos importantes da ação dos tradutores: (1) a variabilidade das normas de tradução, que depende das diferentes estratégias que os tradutores empregam enquanto desempenham papéis conservadores ou inovadores, como guardiões ou importadores culturais, em contextos históricos específicos; (2) a construção dinâmica do campo da tradução, resultante das lutas dos tradutores por estabelecer a profissão como fonte autônoma de capital simbólico, e a maneira como criam suas distinções internas (individuais ou em grupo); e (3) modelos preferidos por tradutores, ou tendências pessoais valorizadas, segundo os quais selecionam e significam os fatos de suas condições de vida e os usam para ganhar prestígio e melhorar seu *status* e termos de trabalho.

Referências

Abbott, A. *The system of professions: An essay on the division of expert labor*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1988.

Adorno, T.W. “On popular music”. *Studies in philosophy and social science*, n. 9, p.17-48, 1941.

Aldridge, M. & Evetts, J. “Rethinking the concept of professionalism: The case of journalism”. *British journal of sociology*, v. 54, n. 4, p. 547-564, 2003.

Ben-Ari, N. *Norms underlying translation of German literature into English, French and Italian*. Tel Aviv University, 1988. [Unpublished M.A. Thesis.]

Ben-Rafael, E. *Language, identity and social division*. Oxford: Clarendon Press, 1994.

Bourdieu, P. “La Métamorphose de gout”. In; Bourdieu, P. *Questions de sociologie*. Paris: Edition de Minuit, (1980a). p. 161-172.

Bourdieu, P. “Quelques propriétés des champs”. In: Bourdieu, P. *Questions de sociologie*. Paris: Edition de Minuit, (1980b). p. 113-120.

Bourdieu, P. “The market of symbolic goods”. *Poetics*, v. 14, n. 1-2, p. 13-44, 1985.

Bourdieu, P. “The economy of practices”. In: Bourdieu, P. *Distinction: A social critique of the judgment of taste*, tr. Richard Nice. London & New York: Routledge & Kegan Paul, (1986 [1979]). p. 97-256.

Bourdieu, P. “Codification”. In: Bourdieu, P. *In other words: Essays towards a reflexive sociology*, tr. M. Adamson. Cambridge: Polity Press, (1996 [1990]). p. 76-86.

Brubaker, R. “Rethinking classical theory: The sociological view of Pierre Bourdieu”. *Theory and society*, v. 14, n. 6, p. 745-775, 1985.

Carey, J. *The intellectuals and the masses*. London and Boston: Faber and Faber, 1992.

Chriss, R. *The translation profession*, 2000.

Collinson, J. A. "Occupational identity on the edge: Social science contract researchers in higher education". *Sociology*, v. 38, n. 2, p. 313-329, 2004.

D'Andrade, R. *The development of cognitive anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Davis, J. "Social creativity". In: Hann, C.N. (ed.) *When culture accelerates: Essays on rapid, social change, complexity and creativity*. London and Atlantic Highlands, NJ: The Athlone Press, 1994, p. 95-110.

DiMaggio, P. "Review essay on Pierre Bourdieu". *American journal of sociology*, v. 84, n. 6, p. 1460-1474, 1979.

Drory, R. "Literary contacts and where to find them: On Arabic literary models in medieval Jewish literature". *Poetics today*, v. 14, n. 2, p. 277-302, 1993.

Durkheim, E. & Mauss, M. *Primitive classification*, translated from the French and edited with an introduction by Rodney Needham. Chicago: University of Chicago Press, 1963 (1903).

Eitam, E. *The formation of elite culture by high-tech employees in Israel*. Tel Aviv University, Unit of Culture Research, 2003. [Unpublished M.A. Thesis.] [Hebrew]

Elias, N. *The civilizing process*, tr. E. Jephcott. Oxford: Blackwell. 1982 (1939).

Elias, N. *The court society*, tr. E. Jephcott. Oxford: Blackwell. 1983 (1969).

Elias, N. *The Germans: Power struggles and the development of habitus in the nineteenth and twentieth centuries*. New York: Columbia University Press. 1996 (1989).

Elias, N. *Mozart: Portrait of a genius*. Polity Press. 1993 (1991).

Even-Zohar, I. "The position of translated literature within the literary polysystem". *Poetics today*, v. 11, n. 1, p. 45-51, 1990 [1978].

Even-Zohar, I. "'Reality' and realemes in narrative". *Poetics today*, v. 11, n. 1, p. 207-218, 1990a.

Even-Zohar, I. "Russian and Hebrew: The case of a dependent polysystem". *Poetics today*, 11:1, (1990b), p. 97-110.

Even-Zohar, I. "Factors and dependencies in culture: A revised draft for polysystem culture research". *Canadian review of comparative literature*, v. 24, n. 1, p.15-34, 1997.

Even-Zohar, I. "The making of culture repertoire and the role of transfer". *Target*, v. 9, n. 2, p. 373-381, 1997a.

Goffman, E. *The presentation of self in every-day life*. Garden City NY, Doubleday, 1959.

Gouanvic, J. 1995. "Pour une sociologie de la traduction: le cas de la littérature américaine traduite en France après la Seconde Guerre mondiale (1945-1960)". In: Snell-Hornby, M.; Jettmarová, Z. & Kaindl, K. *Translation as Intercultural Communication*, 1995, p. 33-44. 1995.

Gumperz, J. J. "The retrieval of socio-cultural knowledge in conversation". *Poetics today*, v. 1, n. 1-2, p. 273-286. 1979.

Harker, R.; Mahar, C. & Wilkes. C. (eds.). *An introduction to the work of Pierre Bourdieu*. London: Macmillan, 1990.

Hermans, T. "Translation as institution". In: Snell-Hornby, M.; Jettmarová, Z. & Kaindl, K. *Translation as Intercultural Communication*, p. 3-20, 1995.

Holland, D. & Quinn, N. (eds.). *Cultural models in language and thought*. Cambridge: Cambridge UP, 1987.

Inghilleri, M. “Habitus, field and discourse: Interpreting as a socially situated activity”. *Target*, v. 15, n. 2, p. 243-268, 2003.

Jänis, M. “What translators of plays think about their work”. *Target*, v. 8, n. 2, p. 341-364, 1996.

Jenkins, R. “Practice, habitus and field.” In: Jenkins, R (ed.). *Pierre Bourdieu*. London: Routledge, p. 66-102, 1992.

Kernan, A. B. “The poet’s place in the world: Images of the poet in the Renaissance”. In: Ashley, L.R.N. (ed.). *The playwright as magician*. New Haven & London: Yale University Press, p. 1-23, 1979.

Kuperman, A. Translation norms and uses of TV models in Israel. Seminar paper. Haifa University, Department of Hebrew and Comparative Literature, 1998. [Hebrew]

Lahire, B. “From the habitus to an individual heritage of dispositions: Towards a sociology at the Level of the individual”. *Poetics*, v. 31, p. 329-355, 2003.

Lamont, M. *Money, morals, manners: The culture of French and American Upper- Middle Class*. The University of Chicago Press, 1992.

Lamont, M. *The dignity of working men: Morality and the boundaries of race, class and immigration*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003.

Lamont, M. & Fournier, M. (eds.). *Cultivating differences: Symbolic boundaries and the making of inequality*. University of Chicago Press, 1992.

Lau, R. W. K. “Habitus and the practical logic of practice: An interpretation”. *Sociology*, v. 8, n. 2, p. 369-387, 2004.

McCracken, G. “‘Ever dearer in our thoughts:’ Patina and the representation of status before and after the eighteenth century”. In: McCracken, G. *Culture and consumption: New approaches to the symbolic character of consumer goods and activities*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990 (1988). p. 31-43.

Noble, G. & Watkins, M. "So, how did Bourdieu learn to play tennis? Habitus, consciousness and habituation". *Cultural studies*, v. 17, n. 3/4, p. 520-538, 2003.

Nooy, W. The dynamics of artistic prestige. *Poetics*, v. 30, p. 147-167, 2002.

Peterson, R. A. "Changing representation of status through taste displays: An introduction". *Poetics*, v. 25, p. 7-73, 1997.

Pinder, R. "On the margins: Belonging in general practice for women part-timer and non-principles". *Family practice*, v. 15, p. 363-368, 1998.

Rapoport, T. & Lomsky-Feder, E. "'Intelligentsia' as an ethnic habitus: The inculcation and restructuring of intelligentsia among Russian Jews". *British journal of sociology of education*, v. 23, n. 2, p. 233-248, 2002.

Sapir, E. "The unconscious patterning of behavior in society". In: Mandelbaum, D. G. (ed.). *Selected writings of Edward Sapir in language, culture and personality*. Berkeley: University of California Press, 1949 (1927). p. 544-559.

Sapiro, G. Translation and identity: Social trajectories of the translators of Hebrew literature in French. Paper presented at the conference *Institutions, habituses and individuals: Social, historical and political aspects of cultural exchange*. Tel Aviv, May 2-5, 2004.

Schäffner, C. "The concept of norms in Translation Studies". *Current issues in language & society*, v. 5, n. 1&2, p. 2-9, 1998.

Sela-Sheffy, R. *Literarische Dynamik und Kulturbildung: Zur Konstruktion des Repertoires deutscher Literatur im ausgehenden 18. Jahrhundert*. Gerlingen: Bleicher Verlag, 1999.

Sela-Sheffy, R. "How to be a (recognized) translator: Rethinking habitus, norms, and the field of translation". *Target*, v. 17, n. 1, p. 1-26, 2005.

Sela-Sheffy, R. "The suspended potential of culture research in TS". *Target*, v. 12, n. 2, p. 345-355, 2001.

Sela-Sheffy, R. The translators' personae: Marketing translatorial images in Israel as pursuit of capital. In: Institutions, habituses and individuals: Social, historical and political aspects of cultural exchange. *Conference*, Tel Aviv, May 2-5, 2004.

Sheffy, R. "Models and habituses: Problems in the idea of cultural repertoires". *Canadian review of comparative literature*, v. 24, n. 1, p. 35-47, 1999.

Shumway, D. "The star system in literary studies". *PMLA*, v. 12, n. 1, p. 85-100, 1997.

Simeoni, D. "The pivotal status of the translator's habitus". *Target*, v. 10, p. 1-39, 1998.

Smith, E. "Ethos, habitus and situation for learning: An ecology". *British journal of sociology of education*, v. 24, n. 4, p. 463-470, 2003.

Snell-Hornby, M.; Jettmarová, Z. & Kaindl, K. (eds.). *Translation as intercultural communication*. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1995.

Swidler, A. "Culture in action". *American sociological review*, v. 51, p. 273-286, 1986.

Stokmans, M. J.W. "How heterogeneity in cultural tastes is captured by psychological factors: A study of reading fiction". *Poetics*, v. 31, p. 423-439, 2003.

Tomashevskij, B. "Literature and biography". In: Matejka, L. & Pomorska, M. (eds.) *Readings in Russian poetics*. Cambridge, Mass.: MIT, 1971 (1923). p. 74-55.

Toury, G. "The nature and role of norms in literary translation" In: Holmes, J. S. et al. (eds.). *Literature and translation: New perspectives in literary studies*. Leuven: Acco, 1978, p. 83-100. (Revised version in Toury, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995a, p. 53-69.)

Toury, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995a.

Toury, G. “A bilingual speaker becomes a translator: A tentative development model”. In: Toury, G. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995a, p. 241-258.

Toury, G. “A handful of paragraphs on ‘translation’ and ‘Norms’”. In: Schäffner, C. (ed.) *Translation and norms*. Clevedon etc.: Multilingual Matters, 1999. p. 10-32.

Toury, G. “Translation as a means of planning and the planning of translation: A theoretical framework and an exemplary case”. In: Paker, S. (ed.). *Translations: (Re)shaping of literature and culture*. Istanbul: Boğaziçi University Press, 2002, p. 148-165.

Verdaasdonk, H. “Valuation as rational decision-making: A critique of Bourdieu’s analysis of cultural value”. *Poetics*, 31, p. 357-374, 2003.

Venuti, L. *The translator’s invisibility: A history of translation*. London & New York: Routledge, 1995.

Fontes

Green, Yaacov (Geoffrey). “Sobre a situação do tradutor”. *Yedi’ot Aharonot*, v. 24, 1990. [em hebraico]

Harel, Orit. *Maariv*. 12.6.2003. [em hebraico]

Katzenelson, Irit. “Os novos tradutores, o estado da arte”. *Yedi’ot Aharonot* 13.10.2000. [em hebraico]

Kermit *Guia do Kermit para um tradutor iniciante*. 1.03.2004. Nana Forums (<http://Forums.nana.co.il>). [em hebraico]

Lev-Ari, Shiri. “Não é semelhante aos textos fonte”. *Ha'aretz* 24.04.2002. [em hebraico]

Yariv, Amit. *O guia compacto para contratos de trabalho*. Artigo apresentado na conferência anual do ITA, February 2004. Nana Forums (<http://Forums.nana.co.il>). [em hebraico]

ITA: <http://www.ita.org.il>

Nana translation and editing forum: <http://forums.nana.co.il/Forum/?ForumID=2088>

Translation fees 2003: <http://planet.nana.co.il/managers/meravz/article73.html>, 15.9.2003.

Translation: <http://translation.israel.net/trans.php3>.

Israeli translators: <http://translation-il.freeservers.com/>.

Tapuz forum: <http://www.tapuz.co.il/tapuzforum>.

Recebido em: 15/06/2022

Aprovado em: 13/10/2022

Publicado em dezembro de 2022

Rakefet Sela-Sheffy. Tel Aviv, Israel. E-mail: rakefet@post.tau.ac.il. <https://orcid.org/0000-0002-2540-295X>.

Talita Serpa. São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil. E-mail: talitasrp82@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3324-9593>.